

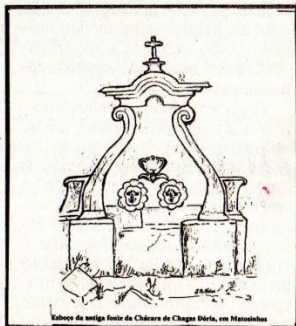
A Fonte da chácara Chagas Dória e o chafariz da deusa Ceres

A propósito da matéria intitulada "A IGREJA, O PAVILHÃO E A ESTAÇÃO", publicada na Tribuna Sanjoanense de 20/10/98, de autoria do meu eminente consórcio do Instituto Histórico e Geográfico, confrade José Cláudio Henriques, atrevo-me a escrever o presente artigo, com a intenção de contribuir com a nobre atitude do pároco de Matosinhos Pe. José Raimundo, que sonha em resgatar as antigas e bonitas paisagens históricas de nosso bairro.

Louvo também a iniciativa do Sr. José Cláudio, o qual tem se mostrado um grande batalhador pelas mais nobres tradições de nossa terra, idealista, que com sua grande inteligência, muito tem contribuído para a comunidade, historiando o bairro, com grande carinho e competência.

Há poucos dias, consegui através da diretoria da Clínica São Lucas, importante registro da história do bairro de Matosinhos: trata-se da reprodução das ruínas da antiga fonte da chácara Chagas Dória, que outrora existira ali pelas imediações da atual praça. Um belo chafariz construído em pedra, de estilo barroco, fazendo lembrar as fontes de mestre Valentim, com duas bocarras que jorravam água, e que infelizmente, a exemplo da Igreja e do Pavilhão, foram destruídas. Aproveitei deste artigo para concluir aos mais antigos moradores do bairro para que, caso saibam a exata localização daquela fonte, forneçam-me a informação para registro. Aproveitei também para agradecer à Clínica São Lucas pela doação do quadro contendo a reprodução daquela bela fonte.

Existe ainda, em elevado estado de deterioração, o chafariz da deusa Ceres, instalado na praça defronte ao SENAI, que além da ação do tempo, vem sendo destruído por vândalos. Trata-se de peça sin-



gular, em ferro fundido, adquirido no ano de 1887 pela Câmara Municipal de São João del Rey, vinda do norte da Itália, mais precisamente da cidade de Turim. Simboliza a deusa Ceres, que na mitologia grega era a deusa da agricultura e da colheita; era Deméter, uma das doze divindades do Monte Olimpo, filha de Saturno e de Cibele. Uma de suas portas, ricamente trabalhada que, encontra-se desaparecida, foi recentemente recuperada pela vereadora Sônia Coelho que, também já tentou e se esforçou para conseguir a restauração do monumento, muito embora não tenha obtido êxito no sentido de sensibilizar as autoridades locais para esta urgente necessidade.

É louvável a tentativa de resgatar a Igreja, cuja destruição foi criminosamente patrocinada por um padre, nos idos de 1970. É também louvável a tentativa de reconstrução do imponente Pavilhão de Matosinhos, de estilo mourisco, também louvável a tentativa de reconstrução do im-

ponente Pavilhão de Matosinhos, de estilo mourisco, também criminosamente colocado abaixo. No entanto, estas sonhadas realizações são obras caras e que demandarão busca incessante de recursos, através de como já bem falou o meu colega Henriques, da chamada Lei do Meccenato, patrocínios e outros. Não devemos perder isto de vista, apesar das costumeiras dificuldades encontradas em nossa cidade quando se fala de história, patrimônio e cultura. Estou com vocês nessa luta!

Minha contribuição ao Pe. José Raimundo e comissão, é que comecemos imediatamente, se possível pelo mais fácil, pelo mais viável e depois, com divulgação, tempo e árduo trabalho, possamos conseguir recuperar totalmente todo o nosso desejado patrimônio. Começar pelo mais fácil, no meu modesto entendimento, é começar pela recuperação da Estação, que ainda está de pé resiste a duras penas à destruição e descaracterização. Começar pelo mais fácil é recuperar o chafariz da deusa Ceres, que ainda existe, mas que com poucos recursos seria restaurado e poderia voltar a jorrar água. Seria também, com um pouco mais de dificuldades, reconstruir a já citada fonte da antiga chácara Chagas Dória, ainda que não no seu local original, mas próximo a ele; na região existem escultores que trabalham magnificamente com pedra e que, sem muita dificuldade e a custo razoável, fariam uma réplica da fonte original, já que temos o modelo para tal. Começar pelo mais fácil é também disciplinar a ocupação do espaço público na praça principal do bairro, bem defronte a atual Igreja e o prédio do SENAI, o qual vem sendo "loteado", sem o menor critério, sem a menor urbanização. Ali proliferam trailers sem a menor ordem, produzindo poluição visual, sonora e de

detritos, lixo e mau cheiro, incentivando a juventude aos mais diversos vícios, além de impedirem a visão do trânsito, tanto de carros como da Maria-Fumaça; além disto, ainda causam deplorável aspecto aos turistas que transitam no trenzinho, os quais observam toda aquela sujeira que fica por detrás dos citados trailers, num exemplo explícito de falta de educação, isto quando os viajantes não são ameaçados com objetos atirados em direção aos vagões. Disciplinando a ocupação daquele espaço o aspecto já se tornaria bem mais agradável, frequentável por crianças e pacatos moradores do bairro tomando a área bem mais aprazível. Isto só dependeria da (boa e ausente) vontade política da administração municipal, que provocada e cobrada, poderia deixar de fazer "vista grossa" e assim, exigiria o cumprimento da lei (Código de Postura e outras).

Após estes passos sugeridos, então partiríamos para o nosso êxtase: a reconstrução da Igreja (que já tem o projeto de reconstrução) e do Pavilhão todos de saudosa memória e que, realmente caressem ser resgatados para as gerações futuras, passo a passo, num exemplo memorável de como se proceder para recuperação do nosso patrimônio histórico, artístico e cultural.

Espero com esta minha modesta contribuição ter cumprido um dever como morador do histórico bairro de Matosinhos!!!

"Ad usum. Feci quod potui, faciant meliora potentes!"

(Para uso. Fiz o que pude, faça o melhor aqueles que puderem!).

JOSÉ A. DE ÁVILA SACRAMENTO
Confrade do Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rey - MG

Jornal Tribuna Sanjoanense

São João del-Rei – MG - Ano XXIX - Edição 957, de 03 de novembro de 1998, pág. 2